

Psicanálise e Educação: Necessidade de Uma Relação no Processo de Ensino-Aprendizagem

Psychoanalysis and Education: Necessity for a Relationship in the Teaching-Learning Process

SILVA, Marcos Vinícius Paim da¹

Resumo: Estabelecer uma relação entre psicanálise e educação, ainda tem suscitado grandes discussões por parte de educadores e psicanalistas. Uma pergunta torna-se primordial: que tipo de relação pode manter a psicanálise com a educação? Tal questionamento já havia sido elaborado por Freud, no entanto com certa discrição, mas ao mesmo tempo não menos entusiasmado. O que sabemos é que não existe na obra do mestre da psicanálise algum tipo de escrito dedicado exclusivamente à educação. Freud adentrou ao campo da educação tomando como elucidações questões que envolvem o fardo de uma educação repressora no sentido moralizante, e a sua consequência para o aumento do adoecimento neurótico dos sujeitos, bem como as dificuldades geradas pelos impasses dos pais no esclarecimento da sexualidade das crianças. Devemos ressaltar que não existe uma pedagogia psicanalítica, pois a tentativa de relação entre psicanálise e educação neste contexto é, historicamente, de casamentos desfeitos, já que, ao contrário, o papel da psicanálise no campo educacional é o de desconstruir a pedagogia enquanto esta promove um discurso do mestre exclusivo sobre a educação. Neste artigo, pretendemos fazer uma abordagem na tentativa de defendermos a ideia de que a relação da psicanálise e a educação, hoje, torna-se necessária no que diz respeito à emergência de fenômenos subjetivos presentes no processo de ensino-aprendizagem fundamentado na relação dos sujeitos que nele se encontram, sob a condição freudiana de matar o mestre para sermos o mestre de nós mesmos quando nos colocamos como sujeitos educadores.

Palavras-chave: universo escolar; Freud; mestre.

Abstract: Establishing a relationship between psychoanalysis and education, has still sparked great discussions by educators and psychoanalysts. One question becomes paramount: what kind of relationship can psychoanalysis maintain with education? Such questioning had already been raised by Freud, however with some discretion but at the same time no less enthusiastic. We know that there isn't type of writing dedicated exclusively to education in the work of the master of psychoanalysis. Freud entered the field of education taking as explanations questions that involve the burden of repressive education in the moralizing sense, and its consequence for the increase of the subjects neurotic illness, as well as the

¹ Doutor em Educação e Contemporaneidade (Uneb). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Email: marcos.paim@ifbaiano.edu.br

difficulties generated by the parents' impasses in clarifying the children's sexuality. We must emphasize that there is no psychoanalytic pedagogy, since the attempt of a relationship between psychoanalysis and education in this context is, historically, of broken marriages, since, on the contrary, the role of psychoanalysis in the educational field is to deconstruct pedagogy while it promotes a speech by the exclusive master on education. In this article, we intend to take an approach in an attempt to defend the idea that the relationship between psychoanalysis and education, today, becomes necessary with regard to the emergence of subjective phenomena present in the teaching-learning process based on the relationship of subjects who in it, under the Freudian condition of killing the master to be the master of ourselves when we place ourselves as educating subjects.

Key-words: School universe; Freud; master.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de uma relação entre psicanálise e educação tem favorecido uma gama de discussões que tentam de um lado se opor categoricamente a esta aproximação, e por outro enxergar nesta relação uma possibilidade de contribuição que um saber pode estar oferecendo ao outro, mesmo estando marcados por suas particularidades que os distanciam quanto aos seus métodos, objetos e objetivos. Por nossa parte, temos comungado com a perspectiva de que a Psicanálise tem contribuído com alguns dos seus primordiais construtos (a teoria das pulsões, desejos, da relação transferencial e contratransferência, da angústia, a noção de sujeito, inconsciente, entre outros) para o campo da educação e do universo escolar, na medida em que pode nos oferecer uma série de novos elementos para refletirmos sobre os processos educacionais, já que envolve um conjunto de fenômenos subjetivos pertencentes aos sujeitos singulares neles envolvidos.

As contribuições da psicanálise quando aplicadas à educação têm promovido um reconhecimento muito grande de diversidades de aspectos e fatores pertencentes ao domínio do processo de ensino-aprendizagem. Contribuições diversas da perspectiva psicanalítica têm criado um grande incentivo para a compreensão e as significativas colaborações nas abordagens transdisciplinares quanto às questões relacionadas à aprendizagem. Freud já marca esta abertura de discussão, na medida em que considera que a aprendizagem humana não se refere a um conceito unitário e, portanto, nem a Psicanálise nem a Educação atuando

separadamente ou em conjunto podem pretender-se serem os únicos legisladores de uma verdade e até mesmo de algum tipo de produção sobre ela.

Os contributos da Psicanálise na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem promovem nova colaboração entre esta e a Educação, a partir do momento em que há um movimento em produzir uma maior investigação desses processos, para poder mostrar como é possível mudanças das atitudes psicológicas do professor e do aluno. Melhor dizendo, a compreensão no processo de aprender que toma como perspectiva a teoria psicanalítica valoriza o aluno e o seu mundo intrapsíquico, mas não deixa de ressaltar a importância do professor e a influência que este tem sobre o aluno, além da consideração sobre os aspectos físicos, sociais e históricos que são interativos nesta relação.

As minhas práticas pedagógicas, como educador, bem como as minhas vivências no atual mundo escolar têm me feito perceber o quanto o processo de ensino-aprendizagem carece de atenção maior para vir a ter resultados mais positivos. E a nosso ver, tem faltado uma atitude por parte dos professores, em encarar, que na sua relação com o aluno há uma emergência de fenômenos subjetivos envolvidos nela, que não poderiam de forma nenhum estar de fora de serem considerados. A Psicanálise, portanto, teria uma considerável contribuição a oferecer para a Educação.

Neste sentido, nossa intenção neste artigo é o de elucidar, ou seja, contribuir para uma discussão que ressalte a relação entre Psicanálise e Educação numa defesa do quanto esta é necessária. E com isso, nos mover a fazer uma abordagem neste interstício de um novo pensar acerca do processo de ensino-aprendizagem quando levamos em consideração a proposição freudiana de matarmos o mestre para sermos o mestre de nós mesmos.

2 PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: ENTRE PRAZERES E DISSABORES

A discussão que gravita em torno da relação entre psicanálise e educação já se inicia a partir das primeiras preocupações de Freud suscitadas pela proposição, por ele enunciada, de que governar, psicanalisar e ensinar são atividades impossíveis. A trajetória desta possibilidade do que teria a oferecer a psicanálise à educação, ou mesmo o que poderia requerer a educação da psicanálise, faz com

que adeptos e opositores, tanto psicanalistas como educadores, estabeleçam um viés teórico de enfrentamento de ideias que, ao final, só vem a favorecer em muito as tentativas de busca por aproximação entre dois saberes, a princípio extremamente distintos e com metodologias específicas de atuação, a se comunicarem.

Freud, pela relação com seus discípulos e seus mestres, faz destes objetos de suas reflexões, em que tinha como ideia básica de que os professores herdaram as inclinações carinhosas e agressivas dos alunos, antes dirigidas aos pais. Pelo relacionamento que Freud teve ao longo da sua vida com estes seus discípulos, percebemos que a sua atuação como professor, na ordem de um mestre tradicional, se fazia muito presente pela forma como conduzia a transmissão da psicanálise (a maneira como exigia a apreensão deste saber, as brigas e desavenças oriundas das dissidências, a imposição de respeito por ser ele o inventor da psicanálise etc.) já o coloca como um modelo de educador característico do século XIX. Mas sem dúvida, Freud proporciona um salto quanto a esta questão. Porque as suas investigações acerca do complexo de Édipo, narcisismo, pulsão, princípio de prazer, princípio da realidade e da libido, arcabouço da teoria psicanalítica, faz com que ele rompa definitivamente com os antigos mestres, passando a ocupar ele próprio um lugar de mestre, pondo fim à busca de um mestre pai, e reencontrando a si mesmo. Ser o próprio mestre, para Freud, não significava ocupar o lugar do pai junto à sua mãe. Era preciso matar simbolicamente o pai, depois de admitir a superioridade dele para poder, em seguida, ser um criador.

Historicamente, Kupfer (2007) nos mostra que a aplicação da psicanálise à educação é de casamentos desfeitos pelas tentativas frustradas que em dois momentos, muito significativos, em que elas ocorreram: Primeiro pela tentativa de Pfister e Zulliger de criar, no início do século XX a disciplina Pedagogia Psicanalítica, e depois por se tentar transmitir a pais e professores a teoria psicanalítica, a fim de se evitar a instalação das neuroses em filhos e alunos. Na relação da educação com a psicanálise, vamos ver com estes autores um casamento impossível. Em Pfister a ideia de aplicação prática da técnica psicanalítica para a educação e também para a terapia de crianças, a psicanálise para conduzir as forças inconscientes ao caminho do bem, definido nos termos da religião, transmissão aos seus alunos da religião, portanto, como salvação e como fonte de alegria e de apoio nos momentos de

perigo. Com estas ideias a pedagogia nitidamente se separa da psicanálise, pois ele acreditava que o educador deveria transmitir uma orientação moral aos seus alunos em que ele seria o modelo ideal. Zulliger fez uso da psicanálise em crianças de 12 a 13 anos dentro do sistema público oficial, com muita cautela, pois a psicanálise neste começo de século em Zurique não era vista pelo meio científico da época com bons olhos. No entanto, ele acreditava que a psicanálise contribuiu para a transformação de certas práticas educativas, na medida em que acaba com os castigos pesados que eram muito utilizados neste período, da mesma forma em que se colocava contrário a formas sutis de subjugamento que eram dadas às crianças. No entanto, fez a tentativa de transpor a situação clínica para o gabinete dentro da escola, fato que Kupfer (2007) considera como mais um casamento desfeito na aplicação da psicanálise à educação.

As preocupações que envolviam o pensamento de Freud estavam mais voltadas para um modelo de construção dos processos através dos quais um indivíduo se torna um ser sexuado, ou seja, que a sexualidade se constrói não sendo determinada pela biologia, que surge elaborada na *Interpretação dos Sonhos*, a partir da noção do complexo de Édipo baseada em uma descoberta de um acontecimento universal do início da infância: “me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai”. A noção estruturante do complexo de Édipo é formulada da seguinte maneira: se o destino de Édipo nos comove é porque poderia ter sido o nosso. Talvez estivesse destinado, a todos nós, dirigirmos à nossa mãe o nosso primeiro impulso sexual, e ao nosso pai o nosso primeiro sentimento de ódio e o primeiro desejo destruidor. Portanto, o Édipo é uma estrutura, um conjunto de relações previamente dado, isto é, uma estrutura vazia, uma espécie de roteiro prévio. Estrutura através da qual o ser humano define-se como ser sexuado. Tem caráter constitutivo, ou seja, constitui, conforma pessoas, segundo modelos fornecidos pelo pai e pela mãe, ou por quem quer que venha ocupar essa função. No entanto, devemos aqui ressaltar que essas identificações não são meras imitações do que fazem papai e mamãe, já que elas estão no âmbito do inconsciente.

Oposição categórica da relação entre psicanálise e educação encontra-se nas ideias de Catherine Millot, em seu *Psicanálise e educação: Freud antipedagogo*. Ela parte da concepção da impossibilidade desta relação a partir de três fundamentais questionamentos: 1. Pode haver uma educação analítica no sentido de a educação

ter uma perspectiva profilática em relação às neuroses? 2. Pode haver uma educação analítica de visar os mesmos fins de um tratamento psicanalítico (resolução do complexo de Édipo e superação da castração)? 3. Pode haver uma educação psicanalítica que se inspire no método psicanalítico e o transponha para a relação pedagógica? A estas perguntas ela responde enfaticamente que não. Contudo, Kupfer defende:

É preciso deixar os exageros à parte e buscar um ponto de equilíbrio em que o educador possa beneficiar-se do saber psicanalítico, sem, contudo, abandonar a especificidade de seu papel, ou mesmo propor-se a uma sistematização desse saber em uma pedagogia analítica.

(...) Professores e analistas ocupam posições bastante antagônicas entre si (o professor precisa trabalhar com o recalque a seu serviço, enquanto o analista precisa levantá-lo ali onde ele está provocando uma neurose. (KUPFER, 2007, p. 97).

Com isto, é preciso que salientemos o pensamento de Freud sobre o processo de aprendizagem. Admitia ele que este processo estava diretamente relacionado com um desejo de saber, em que parte da seguinte preocupação: o que habilita uma criança para o mundo do conhecimento? E em que circunstâncias ele se torna possível? Ao pensar sobre os determinantes psíquicos que leva alguém a ser um “desejante de saber”, Freud tem a concepção de que o processo de aprendizagem depende em muito da razão do que motiva alguém a buscar o conhecimento, partindo da noção de angústia de castração, a descoberta da criança pelo caráter sexual anatômico. As crianças descobrem diferenças que a angustiam. É essa angústia que as faz querer saber. As primeiras investigações, segundo Freud, são sempre sexuais e não pode deixar de sê-los, pois o que está em jogo é a necessidade que tem a criança de definir, antes de mais nada, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual. Assim, a pergunta para a origem das coisas estaria na base das investigações sexuais infantis.

A educação de modelo tradicional é a grande responsável por reprimir as investigações sexuais da criança. Isto feito, para Freud, faz com que a criança sublime (encaminhe o seu desejo para um objeto não sexuado). As crianças não deixam de perguntar, pois a força de pulsão permanece estimulando essas crianças. Perguntam, então, sobre outras coisas para poder continuar pensando sobre

questões fundamentais. O ato de aprender pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. Até mesmo o autodidatismo (visto pela psicanálise como um sintoma) supõe a figura imaginária de alguém que ensina por meio de um livro.

A ênfase freudiana, portanto, encontra-se centrada nas relações afetivas entre professor e aluno. Na perspectiva psicanalítica não se focaliza os conteúdos, mas o campo que se estabelece entre o professor e seu aluno, em que se faz as condições para aprender, sejam quais forem estes conteúdos. A esse campo Freud denominou de transferência, uma manifestação do inconsciente, que constitui, por isso mesmo, um bom instrumento da análise desse inconsciente. Nada impede que a transferência se dirija ao analista ou a qualquer outra pessoa. Ela faz parte de toda e qualquer relação humana. As transferências são reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise, e que trazem como singularidades características à substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico, e que, como o apontamos, está no âmbito de todo relacionamento humano. Na relação professor e aluno não seria diferente. As crianças transferem as suas afetividades e agressões, antes destinadas aos pais, para a figura do professor. Neste processo, estamos diante de dois singulares sujeitos de desejo. O que deseja aprender e o que deseja ensinar.

Nesta perspectiva, portanto, vislumbramos a necessidade de uma relação entre psicanálise e educação em que, pelo que aqui foi exposto, nos fica claro que a ideia de uma educação psicanaliticamente orientada poderia ser encontrada na esfera de uma mudança de atitude por parte dos educadores, ainda amalgamados a modelos pré-estabelecidos de ensino, tendo a coragem de matar o mestre e encontrar o mestre de si mesmos.

3 A PSICANÁLISE FRENTE AO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES OU MERA DISCUSSÃO?

Muitos dos dilemas conflituosos que perpassam o campo da educação, temos um que ainda suscita um empreendimento de compreensão mais detido acerca do seu fazer, que é aquele que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que o modelo de educação tradicional, que ainda se encontra como

via régia das contemporâneas práticas pedagógicas, continua sendo favorecido ainda amparado pela concepção cientificista, racional e positivista que desde o iluminismo nos foi legado e legitimado pelas ciências sociais da educação. E tal aspecto vem justificar nossa tentativa de uma investigação, diante das problemáticas envolvidas nas atuais atividades docentes que se propõem como garantidoras de resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem. Já que se torna a cada dia mais evidente em nossas escolas, que agir no ato de educar têm requerido dos educadores um ir mais além das fórmulas pré-estabelecidas pela nossa pedagogia, que consegue deixar de fora a emergência de fenômenos subjetivos dos sujeitos pertencentes a esta relação de ensino: professor e aluno. E neste sentido, perguntamos se é possível o ato educativo, dentro do processo ensino-aprendizagem, sem levar em consideração estes fenômenos.

Historicamente o processo de ensino-aprendizagem vem se caracterizando de formas bem diversas, como as que ressaltam o papel do professor como detentor, e mero transmissor de conhecimento, bem como as que concebem este processo como um todo integrado que destaca o papel do aluno. Analisando de perto as atuais práticas educativas em nossas escolas, é muito fácil a percepção de determinados problemas como, por exemplo, o destaque que é dado à memorização, pouca preocupação para o desenvolvimento de habilidades que conduzam o aluno para uma reflexão crítica daquilo que é ministrado em aula e, sobretudo, o que é mais preocupante a nosso ver, que são as ações centradas eminentemente nos professores que determinam o que e como dever ser aprendido, além de realizar um corte categórico entre educação e instrução. Neste sentido,

educar e instruir é fazer com que o aprendiz compartilhe uma cultura, aceite uma herança, ou seja, enquadre-se em um molde, aceite uma certa padronização dos seus saberes, de suas formas de pensar, de sentir, de comunicar. Historicamente, a escola desenvolveu-se como uma formidável máquina de *normalizar*, às vezes para tornar possível a democracia, para favorecer uma coexistência baseada no livre consentimento e no contrato social mais que na violência, outras vezes para substituir as tiranias rústicas de antes por totalitarismos que controlavam os espíritos acima de tudo. Esse desejo de unidade apresenta um problema: *empobrece* progressivamente a diversidade dos modos de vida e de pensamento, em prol de uma língua escolar, de um pensamento ortodoxo, de uma racionalidade exemplar, de uma sensibilidade e de uma ótica codificadas, de uma cultura de massa. (PERRENOUD, 2008, p. 32).

O que em muito se defende neste modelo de pedagogia, portanto, é de que o processo de ensino-aprendizagem faz parte de uma relação dialética que se dá entre o instrutivo e o educativo, tendo como propósito primordial oferecer uma contribuição para a formação integral da personalidade do educando. Denominamos instrutivo ao processo que pauta pela capacidade de formar homens capazes e inteligentes. E nesta perspectiva entende-se homem inteligente como aquele que quando se ver frente a uma situação de problema, possui competência para enfrentar este e, ainda, buscar soluções para a resolução das situações. Já o processo educativo ressalta a importância da formação de valores, que geram sentimentos de identificação do homem como ser social em que se desenvolvem convicções, vontades e outros elementos no âmbito volitivo e afetivo², que junto com o processo de cognição se autoriza falar de um processo de ensino-aprendizagem que possui a finalidade última, como já o salientamos, de proporcionar uma formação multilateral da personalidade do aluno.

A ideia de que o processo de ensino-aprendizagem é uma unidade dialética que permeia entre a educação e a instrução se associa à concepção de que possui igual característica do binômio ensinar e aprender. Neste sentido, esta é uma relação que nos induz a pensar que o processo de ensino-aprendizagem é sistêmico como estrutura de funcionamento, ou seja, que é composto por fatores que se interrelacionam estreitamente. Devemos pensar, portanto, que todo ato educativo é determinado por fins e propósitos presentes no desenvolvimento social e econômico de uma sociedade, e que tem como efeitos certos interesses sociais, se sustentam, de alguma forma, por uma filosofia da educação, comunga com concepções epistemológicas específicas, atende a interesses de ordem institucionais, possui uma dependência, na maioria das vezes, de elementos, interesses, possibilidades dos sujeitos nele envolvidos tais como professores, alunos e comunidade escolar.

Um ponto que não podemos deixar de ressaltar quanto às concepções tradicionais do processo de ensino-aprendizagem é que este reproduz, em muito, as ideologias e as relações capitalistas de produção que são dominantes, e faz com que importantíssimas questões que dizem respeito à relação entre conhecimento e

² Afeto aqui não entendido conforme a concepção psicanalítica para este conceito. Pois, para a psicanálise afeto é “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável.” (FREUD, 1978, p.124)

poder, por exemplo, deixem de serem levadas à reflexão por parte dos educadores em suas práticas pedagógicas, pois tal relação está tão presente no ato de educar, que faz com que muitos professores a exerçam de maneira verticalizada sobre seus alunos, na medida em que impõe quais conteúdos serão ministrados, que tipos de avaliações são as mais garantidoras de medir a aquisição do conhecimento, portanto, fazendo com que deixe de lado o lugar da fala dos alunos, dos seus desejos, bem como coloque em detrimento o papel da escuta que exige uma incansável atuação, por parte desses professores, na relação com seus alunos. Uma relação que, sem dúvida, encontra-se a todo tempo respaldada por fenômenos subjetivos na ordem da transferência, dos desejos, das angústias e da falta que permeiam toda e qualquer relação.

A discussão que gravita em torno da relação entre psicanálise e educação tem movido, desde Freud, uma calorosa discussão por parte de educadores e psicanalistas como já o afirmamos. No entanto, mais em nossos dias, esta discussão vem proporcionando uma gama enorme de contribuições relevantes para um pensar de como a psicanálise, a partir dos seus construtos, pode estar em auxílio da educação, na medida em que oferece a possibilidade de novos olhares acerca do ato de educar no tocante ao processo de ensino-aprendizagem, que envolve de forma categórica a ação de dois sujeitos estritamente singulares, o professor e o aluno, numa relação que perpassa pelo campo da subjetividade de um e de outro em que determinados fenômenos ali se encontram presentes.

Em termos epistemológicos, é possível levar em consideração um distanciamento entre a pedagogia e a psicanálise. Já que a pedagogia não preza a divisão subjetiva a qual o sujeito em psicanálise padece, e que foge da prática pedagógica. No entanto, é possível aproximá-las quando se tenta uma compreensão mais completa do ser humano, pois

a psicanálise pode transmitir ao educador (e não à Pedagogia) uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades, subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir, em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Cessa aí, no entanto, a atuação da Psicanálise. Nada mais se pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo de que se constitui essencialmente a aventura freudiana (KUPFER, 2007, p.97).

A teoria psicanalítica também ressalta a busca que práticas educativas como conteúdos atrativos e aulas dinâmicas conseguem deixar para um segundo plano, ou mesmo destituir, a condição de assujeitamento do ser humano, na medida em que leva em consideração que a psicanálise pode oferecer à educação elementos da subjetividade do educador e do educando. Portanto, a psicanálise na tentativa de compreensão do psiquismo do sujeito se manifesta presentemente em todas as suas relações, inclusive naquelas que faz ponte com o seu desejo de saber, mesmo este sendo suposto. E com isso, torna-se possível por meio da psicanálise a interrogação acerca das novas formas em que o sujeito aparece no contexto escolar. Ou melhor ainda, interrogar sobre contemporâneas formas de negação da fala (termo utilizado por Lacan que denomina uma questão estruturante e explícita do ser humano, que possui a sensação de não ser completo, necessitando dar nomes e por objetos em sua vida na tentativa de um preenchimento da falta estrutural, que é sempre frustrada o conduzindo a um estado de angústia).

Com a psicanálise, processos dos sujeitos que envolvem a relação transferencial, a fala, as pulsões, os desejos e a angústia podem ser melhores compreendidos no processo educacional de ensino aprendizagem pelos atores envolvidos nele, já que se encontram obedecidos pela dinâmica do inconsciente.

Nesta perspectiva, pensamos que uma educação na ordem da dialogicidade põe o aluno na condição de um sujeito desejante de um saber incompleto e parcial, bem como vislumbramos um professor como aquele sujeito capaz de inspirar essa busca. Esta postura pedagógica vai de encontro àquela que vê o aluno como mero receptáculo de um saber inquestionável. É nessa ética do desejo, e não na do bem, que acreditamos poder falar de um professor que se permite incentivar os seus alunos, e que estes se impliquem no processo de aprendizagem. Estamos nos referindo, portanto, a um educador (e de uma instituição) que seja capaz de se destituir da figura onipotente e se colocar no lugar e na condição de seu aluno que deseja e, sobretudo, dando lugar à fala e à escuta. Talvez aí, pudéssemos começar a pensar em transmitir um novo tipo de teoria e de práxis pedagógica. Num processo instável, incompleto, que apresenta especificidades, complexidades e contradições levantadas a partir da dúvida, e que neste processo de ensino-aprendizagem o professor poderia ocupar o lugar onde fosse capaz de inspirar em

seus alunos o desejo de aprender, na medida em que o entendesse também como um sujeito constituído de uma individualidade como a sua.

Pensamos que se não levarmos em conta, no universo escolar, o aparecimento ininterrupto de fenômenos subjetivos que permeiam a relação professor e aluno no processo de ensino aprendizagem, não conseguiremos ver que as ações destes sujeitos no campo educacional possam contribuir de forma efetiva no aprender a lidar com a contradição, de ter que se haver com aceitação e não-aceitação das ideias que ali se entrecruzam de quem deseja aprender e ensinar. E com isso, acreditamos que uma escuta³ mínima neste processo venha a se tornar o elemento primordial. Para isso, segundo Ornellas,

Lacan diz que cada sujeito constrói sua subjetivação em três tempos lógicos: tempo de ver, compreender e concluir. Assim posto, pede-se licença ao mestre para parafraseá-lo quando se marca o tempo (i)lógico do professor: o tempo de advir, o tempo de decifrar e o tempo de nomear. O *primeiro tempo* retrata as primeiras inscrições do laço com o Outro, advém do desejo de experimentar, sendo a sala de aula a corda bamba, um véu que ainda não tem forma, tamanho e cor. No *segundo tempo*, o decifrar tem a conotação de algo que se insinua, há um desvelamento do seu lugar de professor, do seu processo laboral, da relação professor-aluno. Já o *terceiro tempo* se presentifica pela relação pulsional de nomear. Nesse tempo, o professor faz um salto, porque se autoriza professor e, nesse momento o seu semblante é o sujeito suposto saber (SsS) engendrado na sala de aula. (ORNELLAS, 2015, p.26).

Instigados por esta preocupação da relação entre Psicanálise e Educação, não poderíamos deixar aqui de sublinhar um dito do escritor alemão Thomas Mann, em seu ensaio *O lugar de Freud na história do espírito moderno*, onde nos diz que

falar dessa teoria hoje não significa tratar de um método terapêutico - reconhecido ou controverso. Ela já extrapolou há muito tempo a mera esfera médica – certamente sem que o médico que a criou tenha de início imaginado tal coisa – e se tornou um movimento mundial, pelo qual são afetados todos os campos possíveis do espírito e da ciência, como a investigação literária e artística, a história da religião e a pré-história, a mitologia, a etnologia, a pedagogia etc. (MANN, 2015, p. 38-39).

3 “Freud (1912) cunhou o conceito de Atenção Flutuante para que a escuta pudesse se dar de maneira acurada. Faz-se pertinente pontuar que nesta flutuação da atenção não se deve ficar preso apenas ao que é dito, mas, também observar os gestos, as expressões, os silêncios.” (ORNELLAS, 2015, p.21)

4 CONCLUSÃO

Respaldamos nosso trabalho pela própria vivência de uma falta do que temos observado, com uma imensa clareza, nas atuais práticas pedagógicas que permanecem insistindo em realizar um processo de ensino-aprendizagem possuidor da eficácia e de que oferece resposta certa para a apropriação do conhecimento, do desenvolvimento intelectual e físico dos estudantes, que ainda se encontra calcado nos moldes de uma educação conteudista. Contudo, conseguimos visualizar, mesmo em nossas próprias e atuais atuações como educadores, que esta garantia é fugidia, se escapa em muito porque, enquanto professores, parece que não nos colocamos atentos que no processo de ensino-aprendizagem não conseguimos, ou não nos é possível ver que fenômenos subjetivos estão a todo tempo em jogo, interferindo de uma forma ou de outra na ação educativa de ensinar e aprender.

É próprio da educação a ação transformadora por parte de dois sujeitos agindo a partir da sua singularidade em uma relação na ordem da transferência, em que brota a todo instante angústias e desejos inconscientes destes sujeitos, na medida em que se fazem atores principais em todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem, que está em muito a demandar de um e de outro a possibilidade da fala, da escuta e do desejo pulsional, análoga a requisitada no processo analítico por parte do analista e do analisante.

Nesta perspectiva, portanto, vislumbramos a necessidade de uma relação entre psicanálise e educação em que, pelo que aqui foi exposto, nos fica claro a ideia de uma educação psicanaliticamente orientada poderia ser encontrada na esfera de uma mudança de atitude por parte dos educadores, ainda amalgamados a modelos pré-estabelecidos de ensino, suscitados pela coragem de matar o mestre e encontrar o mestre de si mesmos.

REFERÊNCIAS

KUPFER, M.C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2007

KUPFER, M.C. **Educação para o futuro. Psicanálise e Educação**. 3 ed. São Paulo: Escuta, 2007.

MANN, T. **Pensadores modernos: Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ORNELLAS, M.L.S. Psicanálise e educação: encontro (des)encontrado. In:

ORNELLAS, M.L.S. (Org.) **Psicanálise e educação: (im)passes subjetivos contemporâneos III**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Enviado em: 28-08-2020
Aceito em: 09-03-2021
Publicado em: 16-04-2021